

Fabíola Dafne de Paula Braga

**NARRATIVAS DE UM GRUPO DE MULHERES PRATICANTES DE HANDEBOL**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2018

Fabíola Dafne de Paula Braga

## **NARRATIVAS DE UM GRUPO DE MULHERES PRATICANTES DE HANDEBOL**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Admir Soares de Almeida Júnior

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2018

## RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar narrativas de mulheres praticantes de handebol buscando identificar os sentidos e significados que essa prática esportiva traz às suas vidas, bem como compreender se existe relação entre as aulas de educação física vivenciada pelas praticantes com a escolha do esporte na vida adulta. As análises foram realizadas por meio de uma entrevista semiestruturada. Foi relevante para esse estudo identificar os motivos que fizeram com que essas mulheres adultas escolhessem o handebol como atividade física e momento de lazer. Por fim, a educação física teve o papel de ser a disciplina que apresentou o handebol para as meninas entrevistadas, e que de uma forma educou para o lazer, apresentando-as um mundo de possibilidades. Nota-se um crescimento pessoal após a entrevista, tanto das entrevistadas quanto da entrevistadora, pois a entrevista abordou temas que se não fosse discutido ali, não seria discutido em outra ocasião.

**Palavras-chave:** Narrativas (auto) biográficas. Mulheres. Handebol.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	3
1. INTRODUÇÃO .....	5
1.1 OBJETIVO .....	6
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	6
1.3 JUSTIFICATIVA.....	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	7
3. ABORDAGEM METODOLÓGICA .....	10
4. DISCUSSÃO.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS .....	22

## 1. INTRODUÇÃO

A ideia desse trabalho surgiu quando comecei a jogar handebol com um grupo de mulheres no bairro onde eu moro. Quando estava fazendo a disciplina de TCC me veio a questão que sempre tive curiosidade: porque esse grupo de mulheres decidiu se reunir para jogar handebol? Qual o sentido e significado dessa prática, para cada uma delas? Existe uma relação entre a prática dessa modalidade nas aulas de educação física e a prática no momento atual? Porque a opção dessa prática corporal e não outra? O que elas buscam com essa prática? A melhoria da saúde? Melhoria da qualidade de vida? Convívio com outras pessoas? Munida dessas questões, procurei o professor orientador desse trabalho e apresentei a ele essa proposta. Diante de algumas proposições, e minhas idas e vindas, fechamos o trabalho com o tema "Narrativas de um grupo de mulheres praticantes de handebol". Para a composição desse trabalho selecionei três mulheres desse grupo para me conceder uma entrevista contando um pouco sobre o grupo de handebol, como essa ideia surgiu, as suas práticas e os sentidos que esse momento de atividade tem provocado nelas. As três entrevistas foram realizadas em lugares diferentes e as entrevistadas são pessoas diretamente ligadas a mim. Eu e a Camilla estudamos no mesmo colégio, a Iolanda é prima de uma amiga que também estudou no mesmo colégio que eu frequentei, e conheci a Jacqueline há exatamente um ano atrás. A literatura aborda sobre essa proximidade entre entrevistador e entrevistado, e sobre como a fala desses sujeitos, no meu caso mulheres que jogam handebol, mesmo que subjetiva vai de encontro a compreensão da realidade. Baseada nisso, eu trago uma afirmação de Rodrigues e Prado (2015), que destacam:

A generalização, a objetividade e a distância entre investigador e investigado, tão privilegiadas nas pesquisas positivistas não fazem sentido na investigação narrativa a qual "assume-se como subjetiva e valoriza essa mesma subjetividade na tentativa de compreensão da realidade" (REIS, 2008, p. 5), possibilitando que os participantes falem de si a outros implicados em compreender as experiências vividas.

A entrevista foi marcante para mim, no papel de entrevistadora e colega de jogo, pois nesses dois anos de "pelada" nunca tivemos uma conversa tão expressiva quanto essa, em que pudemos recordar capítulos e episódios da vida e do jogo em si.

Com base nisso, esse trabalho teve como objetivo perceber os sentidos e significados do esporte, especificamente do handebol, na vida dessas mulheres. E a partir daí iremos interpretar, identificar e analisar as entrevistas concedidas à mim por meio de narrativas.

Nesse sentido esse TCC está organizado da seguinte forma, no primeiro capítulo faço uma discussão teórica sobre narrativas e (auto) biografias, no segundo capítulo eu apresento a metodologia, destacando as entrevistas realizadas com três mulheres participantes do grupo de handebol. Por fim, no terceiro capítulo trago as análises sobre as entrevistas e as considerações finais.

### **1.1 OBJETIVO**

Interpretar por meio de narrativas de mulheres praticantes de handebol, o significado atribuído à prática esportiva na vida adulta.

### **1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO**

Identificar e analisar possíveis relações entre as experiências de educação física escolar e a prática esportiva na vida adulta.

### **1.3 JUSTIFICATIVA**

Escolhi esse tema, pois queria entender como os significados da prática de handebol depois de adultas. E entender se as aulas de educação física têm para a prática do lazer, fora do contexto escolar.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse momento explicito a compreensão de pesquisa narrativa autobiográfica assumida por mim nesse texto, bem como em decorrência dela as estratégias metodológicas construídas por mim.

Nesse sentido, busco inicialmente situar a emergência dos estudos e pesquisas com histórias de vidas e a quais correntes epistemológicas as mesmas se filiam. De acordo com Souza (2011):

[...] as pesquisas com histórias de vida nascem de uma tradição fenomenológica constitutiva do social com base num enraizamento antropológico e apoiam-se na descrição densa de Geertz, no interacionismo simbólico de George Mead, na dramaturgia social de Goffman e nas implicações teórico-epistemológicas da Escola de Chicago. (SOUZA, 2011, p. 216)

Embora, algumas áreas ainda compreendam a pesquisa narrativa e autobiográfica como um tipo de pesquisa recente, esse movimento vem se constituindo desde as décadas de 1920 e 1930 onde começa a ser empregado fortemente por pesquisadores da Escola de Chicago. No entanto, pouco tempo depois do seu surgimento e do sucesso que a mesma foi ganhando, esta perspectiva de pesquisa sofreu um colapso súbito e radical, caindo em quase completo desuso. Somente na década de 1980 volta a ser utilizada, sobretudo no campo da sociologia (BUENO, 2002, p. 16).

No campo da educação e especificamente no âmbito da formação de professores essa perspectiva de pesquisa surge a partir de uma virada epistemológica que a área sofreu nos anos que antecederam a década de 1980, principalmente no contexto europeu. Esse movimento é destacado por Nóvoa *et al.* (1995) que identifica como ponto inicial a publicação da obra de Ada Abraham . O professor é uma pessoa . publicada em 1984. Segundo Nóvoa (1995, p.15) é a partir de então que a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores+ (NÓVOA, 1995, p.15)

No Brasil o movimento da pesquisa autobiográfica tem início por volta dos anos 1990. De 1996 a 2003 um movimento de grande adesão aos estudos autobiográficos e das histórias de vida de professores estava ocorrendo em todo o

país, cujas feições, no entanto, eram ainda pouco nítidas. Vários trabalhos com características autobiográficas compunham eventos nacionais nos quais pode se perceber um número significativo de pesquisas que estavam sendo realizadas ou finalizadas. (SOUZA, 2017)

Para Benjamin (1994), a narrativa encontra-se intimamente relacionada ao ato de lembrar e à possibilidade de resignificar a própria experiência através de memórias repletas de significados, sentimentos e sonhos. O ato de lembrar possibilita que dimensões pessoais - fundamentalmente a experiência - que vêm sendo perdidas no contexto da sociedade moderna, possam ser recuperadas numa trama temporal que articula passado, presente e futuro. O narrador, para Benjamin, possui a característica de saber aconselhar, o que torna a vida a matéria prima da experiência . nossa e dos outros . potencializando assim a transformação da mesma. Para o autor, o ato de lembrar e narrar se faz a partir do presente, é o presente que possibilita nosso deslocamento em direção ao passado e ao futuro, em viagens que nos permitem (re) construir nexos da nossa história e de nossa vida. O sujeito narra algo que está presente na sua memória e/ou cotidiano, e o que se constitui com sua narrativa, é sua experiência de vida. A experiência tem haver com um conjunto de vivências significativas, constitutivas da nossa subjetividade, e por isso elas devem ser compartilhadas com os outros.

Benjamin (1994) no seu texto "O narrador" mostra que para narrar é preciso experimentar. Porém, ao passar dos anos, houve uma queda dessas narrativas, pois as pessoas experimentam pouco atualmente. Segundo o autor, com a era tecnológica e o excesso de informações causadas pelas redes sociais as pessoas não estão praticando/vivenciando situações, estão perdendo a oportunidade de conhecer coisas novas e as experimentar-las. Assim, perdendo a oportunidade de contar, narrar para outros sujeitos.

Nesse tipo de pesquisa, não existe distância entre o sujeito e o autor, e possibilidades de existir são quase nulas. O foco e o objeto da narrativa é o sujeito, sem ele não há pesquisa, nem narrativa. E a respeito dessa relação a narrativa possibilita o encontro de duas narrativas, a do sujeito e a do autor, uma vez que implica a recolha de diferentes vozes, a interpretação dessas vozes e a construção de uma história+(REIS, 2008, p.6).

Podemos compreender melhor o que significa investigação narrativa, com o que Reis diz sobre procedimentos para realizar esse tipo de pesquisa:

Toda a investigação narrativa implica a recolha de diferentes vozes, a interpretação dessas vozes e a construção de uma história (o relatório da investigação) onde as narrativas dos investigados e as narrativas do investigador se fundem/entrecruzam para a compreensão de uma realidade social. O relatório de investigação narrativa constitui uma história que o investigador conta a si próprio e aos leitores, ou seja, um argumento construído através da articulação de um conjunto de dados que pretende interpretar retrospectivamente acontecimentos passados, atribuindo-lhes sentido no contexto específico em que decorreram. Para que esta história seja realista, deve incluir evidências e argumentos que apoiem a sua plausibilidade. (REIS, 2008, p. 6-7).

Um dos objetivos disso é chamar atenção para essa relação possível entre o investigador e seu objeto de estudo, que nesse caso é um indivíduo. Nóvoa (1992) fala que a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar.

Dominicé (1988b) em uma de suas reflexões sobre o uso das histórias de vida, afirma que:

a história de vida é outra maneira de considerara educação. Já não se trata de aproximara educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida. (p. 140)

### 3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Em função do tema, do problema apresentado e dos objetivos, considero que a melhor abordagem para tratar essa pesquisa, seria a pesquisa qualitativa.

Segundo Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Bogdan e Biklen (1982) discutem o conceito dessa pesquisa em cinco características básicas, que de uma forma reduzida explica:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Segundo os autores, a pesquisa qualitativa supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.
4. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes; isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.

No campo da pesquisa qualitativa existem várias possibilidades, pesquisa oral, pesquisa histórica, estudo de caso, entre outras. Esse trabalho terá foco na pesquisa narrativa.

Narrar é memória, recordação, é história tornada experiência, por isto implica em descolamentos em que se insinua a ação do tempo, com suas feridas e descontinuidades, com seus acidentes e desvios e por isto mesmo deixa lacunas, indeterminações próprias dos processos contínuos de configuração das identidades (MATOS, 2001). Narrar é totalmente subjetivo, você narra o passado, o presente e o futuro sempre articulando com uma história vivida. O pesquisador quer saber algo

sobre você de acordo com suas memórias/lembranças, de acordo com seu tema proposto.

No contexto da pesquisa biográfica a entrevista narrativa segue o princípio básico de solicitar ao (à) informante que apresente uma narrativa improvisada acerca de determinado assunto do qual tenha vivenciado, sendo que a tarefa do entrevistador é fazer com que o (a) informante conte uma história consistente de todos os eventos relevantes para o tema em questão, do início ao fim segundo Teixeira e Pádua (2006). As autoras discutem também que a entrevista é antes de tudo, uma situação discursiva. É um ato de fala e de escuta, em relações sociais, num encontro sócio-antropológico, intercultural e intersubjetivo. Esses sujeitos, falam, ouvem, pensam, unem afetos, razões e emoções. E nessa relação, o pesquisador busca a informalidade, a espontaneidade e a confiança dos sujeitos que lhes emprestam suas vidas e histórias, que lhes confiam suas lembranças, seus sentimentos, seus pensamentos entre outros.

Esse trabalho tem a finalidade de fala e escuta de mulheres que jogam handebol nos dias de hoje, por prazer, por obrigação, por lazer, entre outras. Elas irão nos contar se a educação física teve papel importante na vida delas, para hoje estarem praticando um esporte ensinado anos atrás.

O grupo *%Seleção Handebol+* hoje conta com 37 mulheres, mas no seu começo o máximo de participantes eram 10. Dessas 37, foram selecionadas somente **3** para participar da entrevista narrativa, por motivo de tempo e disponibilidade.

O grupo começou a ser formado por uma das mulheres, que decidiu fazer no seu aniversário um jogo de handebol. Ela comemorou seu aniversário em uma quadra perto da sua casa. Dentro desse espaço tinha uma parte de barzinho, que servia algumas comidas e bebidas, e tinha a parte da quadra. Os convidados que não queriam jogar, podiam ficar na parte do barzinho, e quem queria jogar, brincava na quadra. Assim que terminasse o jogo as pessoas iam comemorar o aniversário com o restante do grupo no bar.

A partir desse dia foi decidido organizar e jogar handebol pelo menos uma vez por semana. O dia escolhido foi sexta feira às 18h30min, ao passar do tempo o dia foi mudado para terça-feira de 19h30min às 20h30min (o horário mais tarde passou a ser uma melhor escolha, já que a maioria das mulheres largavam serviço depois

das 18, e ficava muito corrido chegar pontualmente na quadra quando o jogo era 18:30, ocorrendo muitas desistências). A quadra está localizada na Rua Campanário, 363 . Santa Inês.

A rotina de jogo é: chegar à quadra, algumas mulheres gostam de aquecer o corpo e fazer alongamentos, outras ficam conversando até o horário de começar a jogar. Se alguém chega atrasado, já entra em quadra direto. O time é separado por uma só pessoa, e essa distribui coletes amarelos e vermelhos de acordo com a habilidade de cada uma para um grupo não ficar mais forte que o outro. A pessoa que separa os times tem um olhar cuidadoso para balancear as equipes.

Ao final de cada partida, existe um momento em que o grupo se reúne para passar o dinheiro do aluguel da quadra para a pessoa responsável e nesse tempo existe a famosa resenha. As mulheres conversam sobre a vida, o jogo, contam casos entre outros, e há a possibilidade de isso render e elas decidirem ir ao bar ou uma lanchonete, isso não é recorrente, mas às vezes acontece.

O jogo em si, já está definido e marcado para toda terça feira, mas é no grupo de whatsapp que elas decidem se vai ter quórum para o jogo ou não. Então toda semana, um dia antes do jogo, é passada uma lista para saber quantas pessoas irão participar.

As mulheres participantes do grupo e colaboradoras desse estudo são:

A) Iolanda Souza, 32 anos de idade e prima da Eloá. Não cutia muito handebol, e muitas atividades físicas. Mas por muita insistência da Eloá, acabou indo em alguns jogos e gostou muito. Hoje o handebol é uma espécie de hobby pra ela.

B) Camilla Barroso, 30 anos de idade e melhor amiga da Eloá. Ela gosta de handebol desde a época da escola. Ela e Eloá estudaram na mesma escola. Ela que fez o grupo no whatsapp, e ficava incentivando as meninas a jogarem.

C) Jacqueline Villani, 34 anos de idade. Conheceu o grupo através de uma amiga em comum com as meninas citadas acima. Ela gosta de jogar handebol desde a época da escola também, inclusive fez parte do time da escola para disputar campeonatos. Ela diz que é o esporte que ela sabe jogar.

As entrevistas foram realizadas individualmente e em espaços distintos, com a duração média de 19 minutos. Posteriormente as entrevistas foram transcritas, textualizadas e devolvida às colaboradoras, para que elas pudessem ler e concordar com o conteúdo da entrevista. As entrevistas foram gravadas com um aparelho

celular, e as colaboradoras assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### 4. DISCUSSÃO

Nesse momento irei apresentar o exercício que realizei de análise e discussão das entrevistas feitas com as mulheres praticantes de handebol. O meu exercício de análise será dividido em dois momentos, no primeiro momento busco relacionar o conteúdo das entrevistas das mulheres praticantes de handebol com o objetivo geral do meu trabalho. Nesse momento vou tentar identificar e discutir os sentidos que essas mulheres praticantes de handebol atribuem para a prática dessa modalidade na vida adulta. Após esse exercício, realizo um segundo movimento analítico que é de tentar relacionar a experiência das aulas de educação física vividas por essas mulheres com a prática atual do handebol.

A partir desse meu posicionamento, eu passo agora a tentar compreender os sentidos produzidos por essas mulheres para a prática de handebol.

De um modo geral as três colaboradoras compreendem que a prática do handebol está associada a uma ideia de realização de atividades físicas, como pode ser visto nos trechos a baixo:

*%a também porque eu preciso estar ativa em alguma atividade física no momento, então além de gostar de jogar handebol eu alio isso a um benefício pra minha saúde que é praticar atividade física... há pouco tempo inclusive, eu tive que deixar a academia por uma questão de horário de trabalho, então o handebol é um bom aliado para eu continuar praticando atividade física regularmente.+Camilla Barroso.*

*%Eu sou uma pessoa que não gosta muito de academia, eu sou uma pessoa mais dinâmica. Eu gosto de jogar bola, peteca, então eu gosto de esporte. E aí achei o handebol que é o esporte que eu mais gosto, e aí estou jogando.+Jacqueline Villani.*

*%Porque depois que eu comecei a participar, é um momento que eu consigo me divertir muito, e a atividade física em si, tem me proporcionado uma satisfação.+Iolanda Camilo.*

Tomo como referência o trabalho de Oliveira (2016), intitulado como, Um *%bichinho+* me pegou: a escolha e a permanência no universo das corridas de rua, para fazer algumas análises. E ,assim como as participantes do meu trabalho, os colaboradores do trabalho dela atribuem à atividade que eles estão fazendo á uma melhoria de saúde, uma pausa no sedentarismo, e algo que fazem por prazer. Oliveira (2016) cita Cooper, um médico norte-americano que teve grande influência para a prática da corrida de rua, que é o estudo dela. Para Cooper o investimento nos exercícios físicos, predominantemente aeróbicos, era fundamental para a

conservação da saúde, pois eles seriam responsáveis pelo sistema cardiorrespiratório que, por sua vez, acarretaria melhora geral no condicionamento físico e bem-estar geral de quem os praticasse com regularidade.

Concordando em parte com Jacqueline Villani, eu prefiro atividades mais dinâmicas também, prefiro o contato com as pessoas, e de certa forma aprender mais sobre o esporte praticado, que é um dos esportes que mais gosto. Porém, sei da importância de fazer uma atividade para fortalecimento dos músculos, para não ocorrer lesões. A academia e o pilates são atividades que te ajudam nisso. Ultimamente, na prática do handebol, eu tenho sobrecarregado muito meu ombro, e preciso urgentemente de um treinamento para fortalecê-lo. Então precisamos de um equilíbrio, balanço entre essas duas atividades, uma que com certeza tanto para Jacqueline quanto para mim é mais prazerosa, e a outra que não é tão prazerosa na nossa visão, porém nos ajudará a realizar a primeira atividade por mais tempo e sem lesões.

Também associado a essa ideia de atividade física destacam-se outros sentidos, um deles é a possibilidade de realizar essa prática na presença de outras pessoas, na presença de um **coletivo**. Apoiando mais uma vez na dissertação de Oliveira (2016), apesar de a corrida ser um esporte individual, os sujeitos praticantes também têm anseios por algo coletivo. Seja atrás de novas amizades, ou levar pessoas da antiga convivência para mudar seu estilo de vida juntos, todos têm essa vontade de participar de um grupo, seja o grupo de corrida seja os praticantes de handebol. Na dissertação, alguns dos motivos encontrados para que o grupo de corridas permanecesse na atividade foram: a socialização e as amizades feitas, a necessidade de superar desafios que foram traçados durante a prática, vontade de melhorar o desempenho e performance, pelo lazer ou pelo prazer que a atividade gera, o que era por obrigação, questões de saúde, entre outras.

Podemos ver esses mesmos motivos nas falas das meninas praticantes de handebol, descritas a baixo:

*É muito bom estar com as pessoas que eu jogo bola, e porque como eu disse, eu estou praticando uma atividade física, que como eu também já disse, estou praticando um esporte que eu gosto de fazer, porque gosto da companhia, e porque não tenho obrigatoriedade de praticar o esporte, então eu faço puramente por prazer...*

*... Então eu jogo, para aliviar o estresse semanal também, para gastar minha energia, para tentar de alguma forma ainda que pequena, melhorar um pouco a minha saúde, por esses motivos, então eu me sinto bem por*

*isso. E além de tudo isso lá é um ambiente descontraído, eu gosto das pessoas que estão lá comigo, a gente se diverte, a gente ri.+ Camilla Barroso.*

*%é um esporte que eu gosto, e ali fui bem acolhida, uma turma legal que ajudou a permanecer ainda mais, por isso estamos jogando até hoje. Acho que é isso, eu gosto do esporte e achei uma turma legal, então juntou o útil ao agradável...*

*... A gente começou a jogar, aí eu falei com minha mãe que a gente estava jogando, a minha mãe resolveu ir lá, e viu que não era todo mundo que sabia jogar, porque ela nunca tinha jogado handebol na vida. Então ela gostou da turma e começou a jogar, tentar aprender um pouquinho do handebol...+Jacqueline Villani.*

*%Depois que eu comecei a participar, é um momento que eu consigo me divertir muito, e a atividade física em si, tem me proporcionado uma satisfação. A gente pode jogar mal, mas corre de um lado pro outro, e corre uma hora inteira. Além disso, tem os desafios, porque eu não sei jogar direito, então cada vez que eu consigo fazer alguma coisa certa, dá um prazer, %Ah, fiz um golaço+ %Ah quiquei a bola+ %Bulei+..*

*É um grupo de mulheres, que estão ali para ter seu momento de lazer e também de atividade física. Apesar de levarem a sério a atividade em si, porque o esporte gera competitividade, onde todo mundo quer ganhar, então, todo mundo faz o seu melhor. É um grupo que esta ali pra no final das contas se divertir, e não tem sérios problemas de relacionamento.+ Iolanda Souza.*

Acompanho esse grupo desde o início, e o que fez com que essas mulheres criassem um grupo de handebol além do gosto pelo esporte, foi a vontade de se encontrar por mês/semana. Foi um percurso demorado até chegar às configurações de hoje, onde essas mulheres se encontram uma vez na semana por uma hora. Como foi dito nos trechos da entrevista delas, esse encontro é para além do esporte, elas gostam de se encontrar para socializar, para poder conversar, rever as pessoas, de poder jogar para aliviar o estresse semanal, da vida entregue a rotina, além de poder unir a atividade física à um esporte que gostam de praticar. E, uma qualidade que vale ressaltar nesse grupo de mulheres praticantes de handebol, é que a pessoa que entra nesse grupo não precisa saber necessariamente jogar o handebol, ela pode aprender ali, com todas nós. Esse grupo é aberto para qualquer mulher que se interesse por esse esporte, sabendo ela jogar ou não, todas são bem vindas. Não somos profissionais do esporte, algumas mulheres se destacam mais, por terem jogado antes, mas a maioria só jogou nas suas aulas de educação física, o que não fez elas a %raque+do handebol.

Passando pelas questões apresentadas nas narrativas como atividade física, senso de coletivismo, prazer em jogar handebol, entro agora no segundo momento da minha análise, atrelada com meu objetivo específico que é identificar e analisar

possíveis relações entre as experiências de educação física escolar e a prática esportiva na vida adulta.

Todas as colaboradoras afirmam que conheceram o handebol na aula de educação física. E qual seria o lugar que a educação física ocuparia como disciplina? Eu entendo que a educação física é uma disciplina que apresenta aos estudantes um acervo de práticas corporais, que se ele não aprender nessa disciplina escolar ele não aprenderá em outro lugar. Concordando com isso o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) relata que cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências a qual ele não teria de outro modo. A vivência não é um meio para se aprender outros conteúdos, mas, sim uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular, insubstituível. Isso fica visível na fala das colaboradoras, exemplificadas a baixo.

*%Hoje o pouco que eu sei jogar de handebol, não é profissional, é 100% amador, mas, questão de regras do handebol eu aprendi na escola, porque depois eu não fiz aulinha de handebol em escolinhas particulares, entendeu? Então o pouco de noção que eu tenho não só do handebol, mas de outros esportes, eu aprendi durante as atividades de educação física. Boa conduta desportiva, fair play, isso tudo eu aprendi com as aulas de educação física.+Camilla Barroso*

*%foi no Santo Agostinho que eu comecei a aprender, mas agora as técnicas mesmo eu acho que, a gente começa a aprender o básico na educação física, aprendendo algumas regras, mas as técnicas mesmo foram na equipe, porque a gente treinava de duas à três vezes na semana durante duas horas... Então foi na equipe mesmo que eu aprendi realmente a jogar handebol, na educação física a gente tem uma noção das regras, mas a técnica mesmo foi na equipe.+Jacqueline Villani*

*%Eu soube dele na escola, em algum momento da educação física, acho que no Sagrada Família (escola), porque o esporte lá tem uma pegada mais forte na escola estadual. Acho que lá na educação física, a gente jogou alguma vez, e ali, eu não gostei, (risos)... Tem relação sim. Porque eu sabia a regra dos três passos, mas era só o que eu sabia, e o único lugar que eu poderia saber disso é a escola.+Iolanda Souza*

Entendo que para que o aluno conheça o esporte, a dança ou luta, a educação física tem que apresentar esses conteúdos. Não precisa ser de modo profundo, mas de um modo que o aluno entenda o jogo, a sua dinâmica, objetivos, tenha elementos para praticar a atividade, consiga ter uma visão geral do jogo, consiga distinguir essa atividade das outras, entre outras. O aluno/a pessoa só irá reproduzir o que gostou e o que conseguiu aprender, se ele não aprende, não entende, ele não reproduz. Corroborando com isso, o texto da BNCC diz: %a BNCC

prevê a garantia de uma aprendizagem efetiva de algumas práticas corporais, escolhidas pelo coletivo da escola, que oportuniza ao/a estudante participar, de forma proficiente e autônoma, em contextos de lazer e saúde.

Por fim, outro sentido ressaltado na fala das mulheres praticantes de handebol, é o lazer. Oliveira (2016) afirma que o lazer hoje é discutido como algo essencial para a vida das pessoas, podendo proporcionar maior qualidade de vida para aquelas que têm uma jornada de trabalho extensa. Podemos ver isso retratado nessa fala da Camilla Barroso: *“Eu jogo, para aliviar o estresse semanal também, para gastar minha energia, para tentar de alguma forma ainda que pequena, melhorar um pouco a minha saúde, por esses motivos, então eu me sinto bem por isso. E além de tudo isso lá é um ambiente descontraído, eu gosto das pessoas que estão lá comigo, a gente se diverte, a gente ri...”* Camilla, assim como as demais colaboradoras encaram o jogo de handebol como um momento de lazer, de desestressar, de estar ali para jogar e nada mais, de sentir prazer e curtir o momento que estão tendo da maneira que gostam de fazer, jogando.

*“É uma coisa que eu gosto e que me faz bem, e uma turma boa, e que está crescendo cada vez mais.”* Jacqueline Villani.

*“O sentido de estar lá jogando, não interessa quem ganhar quem perder, mas é brincadeira, não tem ninguém brigando lá, não tem violência... É um grupo que está ali pra no final das contas se divertir.”* Lolanda Souza.

O que podemos refletir a partir disso? Qual a ênfase de conteúdo a educação física precisa ter para que aquilo que o estudante aprendeu na escola possa ser usado no seu tempo de lazer?

Entendendo o papel da educação física também como uma educação para o lazer, podemos perceber que essas mulheres a partir da sua prática de handebol na escola, decidiu levar esse aprendizado para fora da escola. A educação física tem como papel apresentar as práticas corporais, e dentro dessas atividades, se encontra o handebol. A educação física tem como um dos objetivos fazer essas práticas corporais conhecidas, mas como? A partir da vivência, a partir do próprio jogo, de conhecer o esporte em si, suas regras, suas especificidades, entre outros. Vemos que por mais simples que tenha sido as aulas, o que lhes foi ensinado serviu como base para elas praticarem esse esporte por prazer/lazer na sua vida adulta. Como foi citado em algumas partes da entrevista, esse é o esporte que elas escolheram para desestressar, para jogar sem pressão, que elas escolheram para

divertir, pois o momento que elas se encontram para praticar esse esporte está diretamente ligado a seu momento de lazer.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o trabalho se trata de uma narrativa de mulheres praticantes de handebol, que ao narrar mostram os significados que dão a essa prática esportiva. Os sentidos atribuídos pelas mulheres à prática de handebol estão associados a duas categorias, a primeira que está ligada a questão da saúde/atividade física e a segunda sobre a vivência coletiva. O que fica presente no texto e nas entrevistas dessas mulheres, é que elas aliam o gosto pelo handebol com a possibilidade de fazer uma atividade física, que não seja monótona, parada e sem a troca com o outro. O que nos leva a questão do coletivismo, do encontro, de estar com outras pessoas para além da troca de experiências, pela troca de ideias, a troca saberes, de risos, e o gosto pelo mesmo esporte no seu tempo disponível.

Já em relação ao lugar que a educação física ocupa, podemos ver em suas falas, que a educação física teve o papel de ser a disciplina que apresentou o handebol como prática esportiva a elas. E, mesmo que essa prática tenha sido apresentada de uma maneira superficial, que não privilegiou a dimensão técnica e do auto rendimento, ela garantiu certa vivência, um saber, que permaneceu com essas mulheres ao longo do tempo e que permitiu essas mulheres acessarem essas experiências quando retornaram a prática. Nesse sentido é como se a educação física ocupasse um papel significativo de uma disciplina que educa para o lazer, ou seja, uma disciplina que dá elementos para que a pessoa possa escolher que tipo de atividade/prática ela vai realizar no seu tempo de lazer.

Nesse sentido gostaria de sugerir algo, pois considero esse trabalho de certa forma inédito, pois ele trabalha com um tema pouco discutido, que é a prática esportiva de mulheres em um esporte coletivo, nesse caso foi o handebol, mas poderiam ter sido outros. Eu sugeriria outros estudos tomando como princípio a ideia da narrativa como estratégia metodológica, porém, que também tivesse no horizonte o público feminino.

Por fim, fazer esse trabalho não foi uma tarefa fácil, escrever nunca foi algo simples para mim. Cheguei ao meu orientador com várias inseguranças, medos e dúvidas, e ele me acalmou respondendo várias questões, e me dando alguns artigos para ler. No processo de escrita houve um progresso enorme das primeiras páginas que eu escrevi até as últimas, e eu considero isso como um avanço pessoal. Escrever sua monografia é um desafio, e quando você consegue vencer esse

desafio é libertador para você. Foi libertador para eu saber que conseguia escrever, e finalizar um trabalho que pode ser chamado de meu.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. L. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1986.
- ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARROSO, G. F. Narrativas de experiências na iniciação à docência: sentidos do processo formativo. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, 27, *Anais...* 2013.
- BENJAMIN, W. & BARBOSA, J. C. M. *Rua de mão única*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.
- BRAGANÇA, I. F. S. *Sobre a escrita de memoriais: caminhos de trans-formação. Memoriais de formação: narrativa e autoria no processo formativo docente / Aline Gomes da Silva, et al. (Org.)*. São Gonçalo: UERJ, 2016. p. 10-18.
- BUENO, B.O. \_\_\_\_\_. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.
- CAMPOS, C. M. & PRADO, G. D. V. T. *Pipocas pedagógicas: narrativas outras da escola*. São Carlos: Pedro & João, 2013.
- GALZERANI, M. C. B. Contar a aula, reencantar a escola, (re) inventar a imagem de produção de saberes docentes. In: CAMPOS, CM PRADO, GVT (Org.) *Pipocas Pedagógicas, narrativas outras da escola*. São Carlos: Pedro & João Editora, 2013.
- JUNIOR, A. S. Foto (e) Grafias na formação de professores/as de educação física. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v.2, p.661-681, 2017.
- LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.
- NÓVOA, A. et al. (1995). Os professores: um %novo+ objeto da investigação educacional. Vidas de professores. *American Sociological Review*, v. 49, n. 1, p.14-17, 1995.
- OLIVEIRA, K. B. *Um %bichinho+me pegou: a escolha e a permanência no universo das corridas de rua*, 2016.
- PÁDUA, I. A. *Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa*, 2006.
- PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Org.). Leitura e Escrita: dois capítulos desta história de ser educador. In: \_\_\_\_\_. Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações. Campinas: Alínea, 2007. p.23-59.

PRADO, N. C. Investigação Narrativa: construindo novos sentidos na pesquisa qualitativa em educação. *Revista Lusófona de Educação* , 89-103, 2015.

RODRIGUES JUNIOR, J. C. *Trajetórias de vida: lembranças, caminhos e constituição dos saberes docentes de professores de Educação Física*. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SOUZA, E. C. D. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão-narrar a vida. *Educação*, v. 34, n. 2, 2011.

## ENTREVISTAS

Camilla Barroso Nunes

**Entrevistado(a):** Meu nome é Camilla Barroso Nunes, eu tenho 30 anos, moro no bairro Ana Lúcia na cidade de Sabará.

**Entrevistador(a):** Como você chegou a esse grupo, o grupo de terça, que era sexta (Camilla joga em outro time também).

**Entrevistado(a):** Começou com uma ideia muito remota, e essa ideia começou no aniversário de uma amiga nossa chamada Eloá, que infelizmente não está jogando com a gente nesse momento porque ela teve uma contusão. E aí ela comemorou um aniversário dela jogando handebol, reunindo um grupo de pessoas que jogavam há muitos anos atrás na época de colégio, e reuniu alguns familiares também.

Depois disso, como já tinha muitos anos que não jogávamos, a gente desenvolveu uma vontade de jogar de novo. É lógico que essa ideia não foi de uma hora pra outra, demorou meses talvez, e conversando com outro grupo de amigas, que também estudavam na mesma escola, que é o Colégio Frederico Ozanam a gente decidiu montar um grupo no whatsapp com as pessoas que estariam interessadas em jogar num local fixo. A gente ainda não tinha lugar pra jogar, nem tínhamos ideia do número de pessoas que iriam aderir à ideia. Então a gente começou, conseguimos a quadra que é a quadra que jogamos atualmente que é da igreja (Paróquia Nossa Senhora de Nazaré) no bairro Santa Inês. Esse primeiro jogo que foi no aniversário da Eloá, que eu citei foi na quadra Forninho no bairro Boa Vista, onde a gente jogou por anos lá também, a gente alugava a quadra de tempos em tempos para jogar, mas essa quadra não existe mais.

A gente foi pesquisando quadras, fazendo orçamento, até que chegou a essa quadra da paróquia, na época talvez a gente tenha conseguido sete pessoas para jogar, e desse grupo, cada uma foi chamando outras pessoas, que foi chamando outras pessoas, e é isso, hoje tem quase três anos completo de grupo jogando handebol fixo uma vez por semana nesse mesmo lugar. É claro que houve uma rotatividade de participantes, talvez 10% ou 20% das pessoas iniciantes ainda continuam jogando hoje, do primeiro grupo mesmo, do oficial, que a gente pode considerar do primeiro grupo.

Mas não importa não é? O grupo se desenvolveu, a propaganda boca a boca funcionou e hoje o pessoal é bem assíduo na participação.

**Entrevistador(a):** Quando você conheceu o esporte handebol?

**Entrevistado(a):** Quando eu tinha, talvez oito anos, de oito para dez, desde a escola, desde o contato com a educação física.

**Entrevistador(a):** E porque você acha que pratica handebol hoje em dia?

**Entrevistado(a):** Hoje eu pratico handebol, primeiro porque é uma atividade física que me dá prazer de fazer, eu gosto de jogar handebol, na verdade eu gosto de praticar várias atividades físicas como esporte, principalmente esporte com bola, mas hoje o handebol é uma atividade mais real na minha vida, né?. Seria difícil praticar algum outro esporte que eu gosto porque, de repente só porque eu não conheço outro grupo pra entrar, porque se não eu praticaria também.

Mas, também porque eu preciso estar ativa em alguma atividade física no momento, então além de gostar de jogar handebol eu alio isso a um benefício pra minha saúde que é praticar atividade física.. (eu: regular...) rotineira, regular.

Há pouco tempo inclusive, eu tive que deixar a academia por uma questão de horário de trabalho, então o handebol é um bom aliado para eu continuar praticando atividade física regularmente.

**Entrevistador(a):** Sim, sim, mas, você falou da educação física. Você falou que conheceu o handebol pela educação física, então eu quero saber, se você vê alguma relação entre as aulas de educação física realizadas na escola, com a prática que você tem agora.

**Entrevistado(a):** Sim!

**Entrevistador(a):** Ok, quais são essas relações?

**Entrevistado(a):** Primeiro que foi por causa da educação física que eu tive contato com os esportes, e segundo que eu não vou falar que eu super desenvolvi isso por causa da escola, porque muitas pessoas estão na escola fazendo educação física e não gosta de praticar esporte. Eu acho que eu já tinha uma tendência natural a gostar de praticar esportes. Correto? Porque na escola é cheio de, inclusive meninas que ficam sentadas lixando a unha enquanto a bola está correndo. (eu: isso é verdade). Mas obviamente o fato de gostar de praticar esporte durante a educação física manteve, o que eu posso chamar, essa chama acesa para querer praticar esporte pelo resto da minha vida.

**Entrevistador(a):** Entendi! Mas você falou sobre uma relação pessoal, uma relação pessoal sua e o esporte (SIM), então eu quero saber, se você vê relação entre as

aulas de educação física com a prática de hoje em dia, o que você pega dessas aulas que a professora te ensinou.

**Entrevistado(a):** Tá! Hoje o pouco que eu sei jogar de handebol, não é profissional, é 100% amador, mas, questão de regras do handebol eu aprendi na escola, porque depois eu não fiz aulinha de handebol em escolinhas particulares, entendeu? Então o pouco de noção que eu tenho não só do handebol, mas de outros esportes, eu aprendi durante as atividades de educação física. Boa conduta desportiva, fair play, isso tudo eu aprendi com as aulas de educação física.

**Entrevistador(a):** Maravilhosa viu? Você lembra como eram as aulas de educação física?

**Entrevistado(a):** Olha a bola aê+, você lembra do Paulo? Olha a bola aê+.. (risos)

**Entrevistador(a):** Lembro sim, pelo amor de Deus. Mas, a gente não teve aula com o Paulo.

**Entrevistado(a):** Ok então edita essa parte, foi uma piada interna. (risos)

**Entrevistador(a):** Você só estudou aula no Colégio Frederico Ozanam?

**Entrevistado(a):** Não!

**Entrevistador(a):** Antes de continuar, quantas escolas?

**Entrevistado(a):** Várias, não vou citar todas não. Mas a maior parte do tempo que eu pratiquei atividade eu posso falar que foi no Frederico Ozanam.

**Entrevistador(a):** Ok! Nas suas outras escolas, você fazia, mas não queria?

**Entrevistado(a):** Não, eu pratiquei também, mas eu era mais criancinha.

**Entrevistador(a):** Você entrou no Frederico...

**Entrevistado(a):** Eu tinha 11 anos quando eu entrei lá, entendeu?

**Entrevistador(a):** Era quinta, quarta serie...

**Entrevistado(a):** Era sexta serie. Porque handebol em si eu comecei a praticar mais no Frederico Ozanam, nas outras escolas eu praticava mais vôlei, futebol, o handebol desenvolver essa vontade, esse gosto foi no Frederico Ozanam.

**Entrevistador(a):** Você falou que lembra das aulas não é?

**Entrevistado(a):** Por incrível que pareça, eu me lembro.

**Entrevistador(a):** O que você destacaria dessas aulas de educação física no Frederico Ozanam?

**Entrevistado(a):** A fomiagem (risos). Não sei, como assim?

**Entrevistador(a):** Por exemplo

**Entrevistado(a):** Mas especificamente de handebol?

**Entrevistador(a):** Não precisa ser necessariamente de handebol, mas tipo assim as aulas de educação física em si. Você lembra dos conteúdos que eram dados?

**Entrevistado(a):** Não existia no colégio, conteúdos teóricos na aula de educação física, o que eu tive em outras escolas. Atividades inclusive para ajudar na coordenação motora, atividades lúdicas, eu tive na outra escola. No colégio Frederico Ozanam especificamente, a educação física era basicamente uma atividade de recreação, eu não posso dizer que era um conteúdo, de matéria específica, de importância equivalente às outras não. Eu acho que é um defeito do colégio, porque eu acho sim que tem importância a aula de educação física na escola. Mas erroneamente ou não, a questão da atividade da educação física na escola onde eu formei era assim, era uma recreação. Então a gente ia ali praticar um esporte, era isso. Então era um momento de jogar bola, a gente gostava de chegar, e como eu gostava de jogar bola seja ela qual for à atividade, às vezes a professora dava basquete, você chegou a pegar basquete lá?

**Entrevistador(a):** Cheguei sim...

**Entrevistado(a):** A gente pedia pra jogar futebol, então tudo que a gente pedia a professora dava, o que ela ajudava a gente era questão de regras, ela era o árbitro da partida, mas era basicamente isso que a gente fazia.

**Entrevistador(a):** Quando você entrou no colégio, você só pegou a professora Márcia de educação física?

**Entrevistado(a):** Eu peguei a Márcia e a...

**Entrevistador(a):** Tia Lurdinha... Porque quando eu...

**Entrevistado(a):** mas a Lurdinha foi pouco tempo, depois já foi Márcia.

**Entrevistador(a):** Porque eu lembro que quando eu fiz aula com a Lurdinha a gente teve algumas coisas diferentes.

**Entrevistado(a):** Lurdinha fazia algumas coisas diferentes, mas como todos os anos que eu passei no colégio foram com a Márcia, não tinha coisas diferentes, eu estaria até mentindo se falasse isso.

**Entrevistador(a):** Não precisa mentir não. Mas é isso mesmo, porque quando eu contava a minha história, era uma história falando como era a minha educação física. Com a tia Lurdinha a gente fazia varias coisas, fizemos atividades com bambolê, e varias coisas assim, e com a Márcia a gente só teve o que a gente chama na educação física, de quarteto fantástico, vôlei, futsal, handebol e basquete.

**Entrevistado(a):** Exatamente, como eu estou falando essas atividades paralelas eu tive em outras escolas, mas como eu era muito nova, eu não tinha idade para a professora ficar dando basquete pra gente jogar, óbvio. Eu não sei também se isso acontece porque hoje as pessoas não estão interessadas em fazer outras atividades que não a prática do esporte jogado, a pelada. Será que realmente, um adolescente de 14 anos está afim de...

**Entrevistador(a):** Eu acho que isso é quando você tem apoio da escola, se, por exemplo, ele cresce numa escola que incentiva coisas a mais do que esporte sim.

**Entrevistado(a):** Mas estou falando do conteúdo. Assim, hoje eu vou te dar outra coisa, não dá, ele já tem que está inserido nessa realidade.

**Entrevistador(a):** É muito difícil, mas dá pra fazer.

**Entrevistado(a):** Acho muito difícil, mas principalmente os meninos que só jogam futebol basicamente, se a gente olhar as escolas, as aulas de educação física, e aí você vai fazer o que?

**Entrevistador(a):** Sim, eu concordo. Mas por exemplo a gente teve que dar aulas no nosso estágio, e a gente fez uma aula em que falamos sobre ginástica. E era dos meninos do quinto ano, sexto ano. E foi muito difícil falar sobre isso, a gente conversou com eles antes, falando sobre o conteúdo, mas a partir daí todos os dias que a gente chegava à escola, os meninos perguntavam, hoje é futebol? Vai ter futebol? Eu quero futebol...; foi realmente difícil, mas deu muito certo.

**Entrevistado(a):** Isso é difícil. Porque por exemplo, por causa dessa cultura que a gente teve na escola, a única coisa que eu fiz paralelo foi aulas de futebol. A gente está tão viciado nesse negócio, que é um saco quando o professor falava, hoje é só físico, a gente vai fazer só vai fazer fortalecimento físico, hoje é só técnica, e a gente ficava doida pra falar, hoje vai ter coletivo? Porque está entranhado na gente, porque a gente não tem o mesmo prazer de fazer um funcional (exemplo) do que a gente quer fazer um coletivo. Eu acho que isso está arraigado por causa disso, porque a gente foi treinado+assim. Por exemplo, eu, detesto correr, corrida, correr na rua, detestava quando antes de fazer alguma atividade tinha que dar voltas na quadra, porque isso não foi um incentivo durante uma serie de anos, então hoje isso me dá preguiça, se eu não tiver uma disciplina pra fazer isso eu não quero fazer, porque eu não tinha isso na escola, a gente já ia direto pra pelada. Então eu acredito que isso tem haver um pouco, entendeu? Como você é incentivado a fazer há anos

a mesma coisa, quando vem uma coisa diferente, mesmo você sabendo que é importante, você fica louca para chegar nos finalmente.

**Entrevistador(a):** Faz sentido! Mas, me fala um pouco sobre o grupo handebol, esse primeiro grupo, que agora a gente joga as terças feiras. Hoje como você se sente nesse grupo.

**Entrevistado(a):** Bem, eu me sinto muito bem! (risos)

**Entrevistador(a):** Porque?

**Entrevistado(a):** Porque é muito bom estar com as pessoas que eu jogo bola, e porque como eu disse, eu estou praticando uma atividade física, que como eu também já disse, estou praticando um esporte que eu gosto de fazer, porque gosto da companhia, e porque não tenho obrigatoriedade de praticar o esporte, então eu faço puramente por prazer. Então eu não jogo com o intuito de ser competitiva, nem de disputar absolutamente nenhum campeonato, isso pra mim é bom por causa disso, entendeu? Porque eu não tenho esse interesse mais. Então eu jogo, para aliviar o estresse semanal também, para gastar minha energia, para tentar de alguma forma ainda que pequena, melhorar um pouco a minha saúde, por esses motivos, então eu me sinto bem por isso. E além de tudo isso lá é um ambiente descontraído, eu gosto das pessoas que estão lá comigo, a gente se diverte, a gente ri, a gente não tem aquele negócio, depende do dia, mas normalmente a gente não ta lá com aquela competição interna, de ser melhor que o outro. Não, é um grupo amistoso, pessoas inclusive que não jogam são muito bem vindas ao nosso grupo, é um grupo equilibrado, apesar de a gente ter reunido pessoas que jogavam juntas há muito anos, são bem vindas às pessoas que nunca jogaram antes. Então assim, vai ter pessoas que jogam pra caramba, vai ter os níveis medianos, e vai ter gente que esta aprendendo agora. A gente tem paciência para ensinar o outro e tudo mais. Eu gosto do grupo por causa disso.

**Entrevistador(a):** Porque você optou por fazer parte desse grupo?

**Entrevistado(a):** É como eu disse anteriormente, foi eu quem criei o grupo, então eu meio que...

**Entrevistador(a):** É obrigada a participar...

**Entrevistado(a):** Eu já sai uma vez, mas isso não vem ao caso.

**Entrevistador(a):** O que você acha que o grupo tem mais de positivo?

**Entrevistado(a):** Eu gosto do coletivismo e do grupo ser amistoso, isso pra mim é a coisa mais positiva. Porque se eu disser que todo mundo é animado, nem sempre,

as vezes a gente fica pedindo as pessoas pra ir, mas essa questão de ser aberto a todo mundo participar, isso é o ponto mais positivo. Está todo mundo aqui pra brincar, está todo mundo aqui pra divertir, entendeu? Pode vir quem quiser todo mundo sempre é bem vindo, pra mim esse espírito amistoso e de coletivismo é o que mais me agrada.

**Entrevistador(a):** Você acha que o grupo precisa melhorar em algum aspecto?

**Entrevistado(a):** Se eu falar que não eu vou ta mentindo, porque eu vou dizer que o nosso grupo é perfeito, e não é. Eu acho que talvez a gente tenha que mudar posturas individuais que ajudam na coletividade. Mas eu entendo que às vezes a gente vai direto do serviço então chegamos mais estressada, chegamos meio sensíveis, e tem alguns momentos que a gente fica mais nervosa, perde o estopim, ou machuca uma colega e não precisaria ter feito isso, são as coisas que a gente pode melhorar sim. Mas em questão de grupo, acho que a gente passou por algumas experiências, amadureceu, cresceu durante esse tempo e a gente chegou num momento bem bacana. O que a gente precisa acertar são questões individuais mesmo, cada um lidando consigo, não coletivamente, porque a gente nunca teve um problema coletivo, um problema de todo mundo com uma pessoa só, ou problemas com pagamento que são coisas simples, a gente sempre se deu muito bem, desde a confecção dos coletes, até a divisão da mensalidade. Talvez a gente deva melhorar o que pra mim se enquadra na questão individual, das pessoas se voluntariar, colaborar mais com o grupo. Por exemplo, a questão do colete, que eu acho que é uma rotatividade pequena, geralmente fica com um grupo mais restrito, essa questão da lavagem dos coletes, pensando que a gente tem uma média de 15 mensalistas, o colete sempre fica com um grupinho de 5 pra lavar. Mas são questões simples, nada muito alarmante.

**Entrevistador(a):** Como você definiria nosso grupo?

**Entrevistado(a):** Com uma palavra? Maravilhoso, estupendo. (risos)

Jacqueline de Faria Oliveira Villani

**Entrevistador(a):** Para começar eu preciso que você fale de você. Quantos anos você tem, onde você mora, estudou onde, essas coisas.

**Entrevistado(a):** Já ta gravando? Sim! Então vamos lá, meu nome é Jacqueline de Faria Oliveira Villani, eu tenho 34 anos, eu moro no bairro Santa Inês e eu estudei no Colégio Santo Agostinho.

**Entrevistador(a):** Serio? Achei que fosse no Magnum, mas tudo bem. (risos) Porque eu achei isso, não sei, mas tudo bem. Você é formada em quê, trabalha com o quê?

**Entrevistado(a):** Sou formada em fisioterapia, e trabalho na área de fisioterapia ortopédica.

**Entrevistador(a):** Ah que bonitinha! (Porque ela ainda estava um pouco tímida, e estava respondendo as minhas perguntas de uma forma muito direta).

**Entrevistador(a):** Preciso que você me fale como chegou a esse grupo, a Seleção Handebol, o grupo que era de sexta-feira e passou para terça-feira.

**Entrevistado(a):** A Vanessa que era uma das participantes do grupo foi na minha casa, e pela janela ela olhou e falou assim: "Olha é ali que eu jogo handebol". Ai eu fiquei louca, eu falei, ah você joga handebol ali? AHH!!! (uma exclamação de felicidade). E aí primeiro foi a Julia, e depois eu comecei a ir também.

**Entrevistador(a):** E a Julia é quem?

**Entrevistado(a):** A Julia é minha filha (risos). Ela começou a ir, aí depois eu comecei a ir também e não parei mais.

**Entrevistador(a):** E a Vanessa é uma pessoa que frequenta o grupo. Isso frequentava o grupo.

**Entrevistador(a):** Mas como você conheceu a Vanessa?

**Entrevistado(a):** Eu já conhecia a Vanessa da Igreja (Nossa Senhora do Perpetuo Socorro), já tem mais tempo, por tanto ela foi à minha casa. (risos)

**Entrevistador(a):** Claro, são muy amigas, alguma coisa tem. (risos) E quando você conheceu o esporte?

**Entrevistado(a):** Eu conheci o esporte na escola, e com doze anos eu entrei na equipe da escola. Então joguei até formar, com dezoito anos, aí parei de jogar handebol, e fiquei quatorze anos sem jogar. Voltei ano passado, por causa da peladinha nossa.

**Entrevistador(a):** Mas, antes de você começar a jogar handebol na escola, você já conhecia esse esporte?

**Entrevistado(a):** Você sabe que eu não sei, eu acho que não, acho que foi na escola mesmo que eu conheci.

**Entrevistador(a):** Ok! Quais são os motivos que você pratica handebol hoje, depois de ter formado há anos atrás da escola?

**Entrevistado(a):** Eu sou uma pessoa que gosta muito de academia, eu sou uma pessoa mais dinâmica. Eu gosto de jogar bola, peteca, então eu gosto de esporte. E aí achei o handebol que é o esporte que eu mais gosto, e aí estou jogando.

**Entrevistador(a):** Mas você tentou fazer outros esportes ou não?

**Entrevistado(a):** Não! Não cheguei a tentar não, na escola já, mas depois disso não. Já tentei jogar vôlei, basquete, futebol, mas o handebol é o que eu sempre gostei e ficava né?

**Entrevistador(a):** É, porque era o esporte que você gostava, e treinou.

**Entrevistado(a):** Sim! Aí eu entrei na equipe...

**Entrevistador(a):** Você ficou na equipe até...

**Entrevistado(a):** Dos doze anos até os dezoito, até terminar a escola.

**Entrevistador(a):** E depois você não quis continuar?

**Entrevistado(a):** Depois eu fiquei grávida, faculdade, comecei a trabalhar, e não voltei. Depois que a Ju ficou grande, e achamos essa oportunidade de jogar, eu voltei a jogar.

**Entrevistador(a):** E a Ju gosta de handebol por causa de você ou por causa da escola?

**Entrevistado(a):** Ela sempre gostou das duas coisas de vôlei e de handebol, é claro que tem uma influência, não tem jeito, mas desde antes dela me ver jogar, ela já sabia que eu gostava, porém ela também gosta do esporte.

**Entrevistador(a):** Uma coisa que seria engraçada da gente falar, é falar da relação da sua mãe também. Porque quando a gente começou a jogar, jogava você (Jacqueline), a Julia (sua filha) e a Cátia (sua mãe).

**Entrevistado(a):** A gente começou a jogar, aí eu falei com minha mãe que a gente estava jogando, a minha mãe resolveu ir lá, e viu que não era todo mundo que sabia jogar, porque ela nunca tinha jogado handebol na vida. Então ela gostou da turma e começou a jogar, tentar aprender um pouquinho do handebol.

**Entrevistador(a):** Ela nunca jogou handebol, mas ela sempre soube o que era...

**Entrevistado(a):** Sim, ela sempre soube por que ela sempre me acompanhou. Ela sempre ia aos jogos que eu tinha, em todos os jogos.

**Entrevistador(a):** Essa participação da sua família é muito legal. Então, você falou que começou a se interessar pelo handebol por causa da escola, a escola apresentou esse conteúdo pra você e você se interessou e começou até a participar da equipe. Hoje, você percebe uma relação, entre as aulas de educação física realizada lá no Santo Agostinho, e a prática que realiza hoje na seleção handebol?

**Entrevistado(a):** Foi no Santo Agostinho que eu comecei a aprender, mas agora as técnicas mesmo eu acho que, a gente começa a aprender o básico na educação física, aprendendo algumas regras, mas as técnicas mesmo foram na equipe, porque a gente treinava de duas à três vezes na semana durante duas horas. E no segundo ano eu comecei a treinar com as meninas da minha idade, com as meninas mais velhas, e as outras mais velhas ainda então jogavam em três times, entendeu? Então foi na equipe mesmo que eu aprendi realmente a jogar handebol, na educação física a gente tem uma noção das regras, mas a técnica mesmo foi na equipe.

**Entrevistador(a):** Mas tudo que você aprendeu lá, que, querendo ou não a equipe era do Santo Agostinho, que era da escola, e tudo que você joga hoje, você vê que as aulas ou o treino na equipe te ajudaram a jogar hoje? Você vê relação?

**Entrevistado(a):** Ajudaram muito, com certeza. A visão, eu acho que independente de eu ter ficado tanto tempo sem jogar, a visão de jogo não muda, você começa a jogar, ela vem. É claro que assim, os primeiros arremessos errados, ainda tem muito arremesso errado, mas você lembra mais ou menos de como que é você não esquece não...

**Entrevistador(a):** Finta pra esquerda (risos)

**Entrevistado(a):** Sim! Finta pra esquerda (é o que ela tem mais dificuldade no momento).

**Entrevistador(a):** Você sabe as relações que você pode nomear, quer dizer não nomear, mas pensar, no que você aprendeu na escola, e agora. Quais relações você enxerga, tipo, o que eu faço hoje, que me remete ao que eu aprendi na escola.

**Entrevistado(a):** Acho que tudo que eu aprendi foi lá. Por exemplo, claro que eu fiquei muito tempo sem jogar, e eu perdi muita coisa, mas aos poucos que você vai jogando, você vai melhorando. Agora a gente voltou a treinar com o time lá do bairro Sagrada Família, aí é que eu melhorei ainda mais, porque voltou o treino de técnica,

e na nossa peladinha não tem técnica né? É diferente. E por exemplo, do tempo que eu comecei a treinar, que foi em janeiro desse ano até hoje, eu desenvolvi muito mais, porque é treino.

**Entrevistador(a):** É, porque, no caso da nossa pelada a gente é jogador, a gente é juiz, a gente é tudo. Então às vezes o que eu penso, é eu nunca fui atleta mesmo, então eu não vou chegar e falar, isso é falta. Tem coisas que eu falo isso é falta com certeza, mas tem coisas que eu acho que a pessoa teria que ter um saber a mais. E, a gente mesmo marca essas coisas, então...

**Entrevistado(a):** É, por exemplo, eu sei quando eu ando então, se eu vi que eu andei, ou dei um passo a mais eu já paro, eu não consigo continuar, eu sei que eu errei, eu acho que isso é de técnica mesmo, que você vai aprendendo, que você sabe, pode dar três passos sem quicar a bola.

**Entrevistador(a):** Sim! Você lembra como eram suas aulas de educação física? Você lembra conteúdos das aulas, como eram essas aulas? Não precisa ser especificamente sobre o conteúdo handebol, mas as aulas em si.

**Entrevistado(a):** Variava os esportes, é claro que a gente tinha uma tendência a pedir mais handebol, tinham umas que pediam mais vôlei, mas era dividir o time mesmo, e jogava bola. Às vezes tinha uma introdução assim, com uma coisa mais, tipo um pega pega, algumas coisas com cone, antes do jogo mesmo, mas dentro do fundamento do esporte.

**Entrevistador(a):** Mas lá no Santo Agostinho você tinha somente esporte, ou você teve aulas de outras coisas, como a ginástica?

**Entrevistado(a):** Não! Era mais esporte, ginástica... Será que a gente teve aulas de ginástica? (ficou pensativa). Não lembro se eu tinha aula de ginástica, mas eu sei que a gente tinha mais aula de esporte mesmo. A gente tinha aula de natação que eu lembro, era um dia que marcava e era natação, mas a maioria era os esportes mais comuns mesmo, vôlei, handebol, queimada, basquete, futebol. Geralmente era difícil juntar feminino com masculino, geralmente cada um jogava com o gênero, era separado. A não ser quando tinha um trabalho que eles queriam fazer de gincana, que era aquelas coisas de corrida, aí que misturava, mas em questão de esporte geralmente era separado.

**Entrevistador(a):** As meninas jogavam com as meninas e os meninos jogavam com os meninos. Na minha escola também era assim.

(Houve uma pausa para ver se estava gravando, e voltamos à entrevista)

Então, agora que você falou um pouco da escola, eu quero saber sobre o grupo em si. Como você se sente nesse grupo, seleção de handebol?

**Entrevistado(a):** Ah! Eu senti que eu fui acolhida pelas meninas, e adoro. Eu acho que a gente tem um entrosamento legal, você vê que não tem tanta, já teve né, porradas (risos), mas acho que nunca foi por causa de briga, eu acho que sempre coisas que aconteceram durante o jogo...

**Entrevistador(a):** Você lembra de ter acontecido alguma coisa na quadra que a gente não resolveu dentro da quadra, que foi pra fora?

**Entrevistado(a):** Da minha parte não, nem da parte de ninguém, acho que nosso grupo é bem tranquilo.

**Entrevistador(a):** Normalmente sim! Porque você gosta de fazer parte desse grupo?

**Entrevistado(a):** Primeiramente por causa do handebol mesmo, é um esporte que eu gosto, e ali fui bem acolhida, uma turma legal que ajudou a permanecer ainda mais, por isso estamos jogando até hoje. Acho que é isso, eu gosto do esporte e achei uma turma legal, então juntou o útil ao agradável. Perto de casa!

**Entrevistador(a):** Isso é maravilhoso, que é do lado, vai de carro porque está chegando do serviço, se não ia a pé, tranquilamente. (risos) O que você acha que o grupo tem mais de positivo?

**Entrevistado(a):** Eu acho que é a organização, eu acho o grupo bem organizado. Ele é bem, como vou falar, por exemplo, se não der gente (pra jogar) marca outro dia, vê quem pode, então ajuda o dia que dá pra ir à maioria. Acho que isso ajuda muito a manter a pelada do jeito que está. E, a portas abertas para outras pessoas, tem umas que não gostam outras que não vem problema. Eu por exemplo acho que quanto mais gente tiver, mais gente que quer participar, melhor para grupo, que cresce mais, e a gente tem chance de manter por mais tempo.

**Entrevistador(a):** E, em sua opinião, o grupo tem que melhorar em algum aspecto? Melhorar em algum aspecto? (pensativa)

**Entrevistado(a):** Eu acho que não, acho que está bem organizado, é uma turma boa, está tendo gente pra jogar, e isso é importantíssimo. Porque teve épocas que a gente ia, e tinha poucas pessoas. Então assim, acho que está ótimo, do jeito que está.

**Entrevistador(a):** É, porque teve época que a gente catava pessoas na rua pra jogar. Agora a gente fala, não precisa vir não, está cheio já. (risos)

**Entrevistado(a):** Não! É mentira! Pode vir gente! Quanto mais pessoas, melhor. Mais mensalistas mais barato a gente paga. (risos)

**Entrevistador(a):** Se Deus quiser! Como você definiria nosso grupo? (pausa para pensar)... Não precisa ser em uma palavra não, você pode defini-lo como quiser.

**Entrevistado(a):** Olha, deixa-me ver. Porque é difícil definir o grupo. Eu acho que é um grupo animado, e a base assim que... Eu não era eu cheguei depois, quem montou esse grupo foi a Eloá, com as meninas. Mas por exemplo, Iolanda, Camilla e eu, acho que a gente abraçou realmente o grupo, e a gente está tentando levar o grupo à continuar. Então eu acho que em questão de animação, da gente querer levar o grupo mesmo pra frente. Eu mesmo estou disposta a qualquer coisa para manter o handebol, esse grupo.

**Entrevistador(a):** Qualquer coisa?

**Entrevistado(a):** Nem que eu faça um auto falante pra ir anunciando na rua, handebol no bairro Santa Inês (risos). Porque é uma coisa que eu gosto e que me faz bem, e uma turma boa, e que está crescendo cada vez mais. Sempre quando chega inicio de ano o povo some, mas as persistentes estão lá.

**Entrevistador(a):** E, leva a família né? (risos)

Iolanda Camilo Souza

**Entrevistador(a):** Primeiro eu preciso que você fale um pouco de você, qual seu nome, quantos anos você tem, onde mora é formada, etc...

**Entrevistado(a):** Bom, eu me chamo Iolanda Camilo, tenho 32 anos por enquanto, a minha formação é em música, sou cantora lírica, fiz bacharelado em música pela UEMG, eu trabalho como cantora também, canto no coral Ars Nova da UFMG, e é isso. Também trabalho com fotografia, mas não tenho formação acadêmica. Moro no bairro Nova Vista, bom, é isso.

**Entrevistador(a):** E, como você chegou ao grupo? Seleção handebol, que antes jogava as sextas e hoje joga às terças?

**Entrevistado(a):** Então, eu entrei na Seleção Handebol, através da minha prima Eloá, que é na verdade uma das pessoas que organizou esse grupo lá no início quando ainda não existia. Ela comemorava os aniversários dela na quadra e juntava o pessoal pra jogar handebol, e a partir daí ela começou a juntar com várias amigas dela de escola e do bairro para jogar toda sexta feira. Eu não comecei essa época, eu comecei um ano depois, no início do ano passado, e desde então eu continuo.

**Entrevistador(a):** Porque você não começou no início?

**Entrevistado(a):** Porque eu tinha preguiça de handebol antes, eu ficava, %a não, não gosto de handebol, porque eu sempre joguei muito mal, minha coordenação motora é muito ruim, então eu tinha muitos bloqueios.

**Entrevistador(a):** E hoje quebra uns dedos não é?

**Entrevistado(a):** Eu continuo jogando mal, mas eu superei os bloqueios, (risos), e me divito agora. (mais risos)

**Entrevistador(a):** É muito bom isso... E me conta, quando você conheceu o esporte handebol?

**Entrevistado(a):** O esporte assim, com as regras de acompanhar campeonatos?

**Entrevistador(a):** Sim, por exemplo, você assistiu na televisão, você soube dele pela escola, você soube dele por onde?

**Entrevistado(a):** Eu soube dele na escola, em algum momento da educação física, acho que no Sagrada Família (escola), porque o esporte lá tem uma pegada mais forte na escola estadual. Acho que lá na educação física, a gente jogou alguma vez, e ali, eu não gostei, (risos). Naquela época eu gostava de vôlei.

**Entrevistador(a):** Entendi, handebol nada? Não! Mas você estudou só no Sagrada Família, ou em outras escolas também?

**Entrevistado(a):** Eu estudei em várias escolas, mas pública.

**Entrevistador(a):** Sim, mas você ficou mais tempo nessa escola, ou em outras? Você formou em qual escola?

**Entrevistado(a):** Eu formei na Escola Professor Caetano Azeredo.

**Entrevistador(a):** Lá a educação física era...

**Entrevistado(a):** (Fez uma cara feia, e houve risos) Uma %haca+.

**Entrevistador(a):** Mas você gostava da educação física?

**Entrevistado(a):** Eu gostaria de ter aulas de educação física de verdade, no Sagrada Família eu tive, lá o professor ou professora, eu não lembro quem era, quem dava aula de educação física (muitos risos), era exigente nesse aspecto. Todo mundo tinha que jogar, tinha campeonatos, eu joguei até futebol no Sagrada Família, mas eu estudei lá um ano só. Mas quando fui para o Caetano Azeredo, lá era um professor, mas não lembro o nome dele não, ele não estava nem aí para as aulas, ele dava a bola de futebol para os meninos que ficavam com a quadra maior para jogar futebol, e as meninas ficavam na arquibancada fazendo a unha e focando, e eu ficava catando alguém para brincar de peteca num canto, porque era o que tinha.

**Entrevistador(a):** É tenso mesmo, já escutei várias histórias assim. Mas, aproveitando que você começa falando de educação física, você lá na escola Sagrada Família, que é quando você tem mais contato com a educação física, você percebe alguma relação dessas aulas com o que a gente joga hoje?

**Entrevistado(a):** Eu não percebo relação nenhuma, eu não aprendi nada.

**Entrevistador(a):** Você não vê nenhuma relação com o que a gente joga hoje...

**Entrevistado(a):** É, eu tive no Sagrada Família, mas eu não vejo relação não, porque eu não jogava handebol lá, não sei, como eu poderia relacionar. Mas tipo assim, você quer saber em relação às regras, em tipo de jogadas?

**Entrevistador(a):** É ter uma noção, não uma noção de jogada porque a educação física mesmo não vai te dar técnicas e táticas a fundo pra você saber jogar com %perfeição+, ela vai mais te apresentar o esporte de uma maneira mais superficial, pra você entender mais como que é, saber alguma coisa sobre o esporte, ou a ginástica, ou as brincadeiras, entre outros. Por exemplo, a regra dos três passos é a regra que você aprende primeiro, então tipo assim, são coisas que são simples mas que você trás lá da educação física para o que a gente joga hoje.

**Entrevistado(a):** Ah, então sim! Tem relação sim. Porque eu sabia a regra dos três passos, mas era só o que eu sabia, e o único lugar que eu poderia saber disso é a escola.

**Entrevistador(a):** Hum, você já relatou algumas coisas da educação física, mas no Sagrada Família que você teve a educação física mais presente, você lembra das suas aulas? Não precisa ser especificamente de handebol, mas as aulas em geral, você lembra de como era? Era só esporte, ou você tinha alguma coisa a mais?

**Entrevistado(a):** No Sagrada Família era só esporte, cada aula a gente jogava um jogo diferente.

**Entrevistador(a):** Mas era handebol, vôlei, basquete e handebol?

**Entrevistado(a):** Acho que não tinha basquete não, (pausa para lembrar). Era mais futebol, vôlei eu não fazia na educação física, lá não tinha rede de vôlei, então ou era handebol ou futebol, na maioria das vezes era futebol. E, vôlei eu treinava, porque lá a quadra pode ser usada em atividade extraclasse, então tinha um professor que dava aula de vôlei pra gente, e que levava rede.

**Entrevistador(a):** Interessante então você tinha mais esses conteúdos ligados ao esporte mesmo. Você já teve ginástica, ou outra atividade?

**Entrevistado(a):** No Caetano Azeredo a gente tinha que correr ao redor da escola.

**Entrevistador(a):** Da escola? (espanto)

**Entrevistado(a):** Sim, da escola, umas duas voltas. (risos)

**Entrevistador(a):** E depois disso, ficavam sentadas fazendo nada?

**Entrevistado(a):** Fazendo a unha!

**Entrevistador(a):** Maravilhoso!

**Entrevistado(a):** Não tinha polichinelo, nada disso...

**Entrevistador(a):** Hum! Que pena! Então a gente volta na parte do grupo, e eu te pergunto, como você se sente nesse grupo?

**Entrevistado(a):** Quando ele era na sexta feira, eu me sentia mais a vontade, mais em casa, mais incluída. O clima era muito mais de brincar, a gente ria muito. Mas agora que mudamos para terça feira, o pessoal que joga agora, é um pessoal que joga mesmo, mais na vida assim, então ficou um pouco mais sério. A gente não ri tanto assim mais, a gente não conta mais piadinha. Às vezes eu me sinto meio mal, porque eu não sei jogar, eu ainda faço coisas muito erradas, e o povo me xinga, mas ainda sim é um clima amigável. (risos)

**Entrevistador(a):** Estou até com medo de voltar para jogar na terça feira. (risos) Me conta então, porque você optou a fazer parte desse grupo?

**Entrevistado(a):** Porque depois que eu comecei a participar, é um momento que eu consigo me divertir muito, e a atividade física em si, tem me proporcionado uma satisfação. A gente pode jogar mal, mas corre de um lado pro outro, e corre uma hora inteira. Além disso, tem os desafios, porque eu não sei jogar direito, então cada vez que eu consigo fazer alguma coisa certa, dá um prazer, %Ah, fiz um golaço+, %Ah quiquei a bola+, %Rulei+..

**Entrevistador(a):** Mas você tem aprendido? Porque nota-se uma evolução gigante da lolanda que entrou em janeiro de 2017, para a lolanda que joga hoje em 2018.

**Entrevistado(a):** Ah! Eu aprendi sim. Na pelada, eu não aprendi estratégia, mas eu fui vendo as pessoas que tem mais noção de jogo e fui aprendendo, vendo elas e corrigindo o que eu estava fazendo de errado. Mas eu estou treinando também, fora da pelada tem um professor, formado em educação física também, não sei se você o conheceu.

**Entrevistador(a):** Conheci em um jogo que assisti o Elmar não é? A Jacque comentou dele também.

**Entrevistado(a):** Pois é, teve umas moças que montaram um time, e aí a gente está treinando com ele. Aí, ali eu estou tendo uma noção técnica do jogo.

**Entrevistador(a):** Muito legal! E, o que você acha que o nosso grupo tem mais de positivo?

**Entrevistado(a):** (Pausa para pensar)... Eu acho que é a relação de brincadeira, o lúdico do negócio apesar de todo mundo ser adulto.

**Entrevistador(a):** Mas o lúdico nunca se perde, mesmo quando adultos...

**Entrevistado(a):** Ah! Mas tem gente que esconde né? Mas é o sentido de estar lá jogando, não interessa quem ganhar quem perder, mas é brincadeira, não tem ninguém brigando lá, não tem violência... (risos). Na verdade, às vezes surge algumas pessoas um pouco mais agressiva, mas mesmo assim, por exemplo, na quarta feira tinha uma menina, que todo mundo ficava falando dela, que ela era muito agressiva e tal, e ela melhorou 200%.

**Entrevistador(a):** E é legal ver como vai evoluindo...

**Entrevistado(a):** Sim, a gente vai entendendo as pessoas.

**Entrevistador(a):** A gente vai entendendo, e tentando encaixar o jogo, você sabe o que pode fazer ali e o que não pode com qual pessoa você pode ter uma brincadeira

mais intensa, e com qual você não pode. Então, você vai ajustando, depois de um ano jogando juntas.

**Entrevistado(a):** Sim, você vai trabalhando as relações. E é legal isso no handebol, não sei se você vai perguntar algo sobre isso, mas que eu percebo tanto no grupo da Seleção, quanto no time que eu estou treinando, é que ou você entra com tudo, ou você não vai. Porque se você for, vai ser jogada no chão, você vai ser esmagada, porque o handebol é um esporte de muito contato. E pra mim está sendo ótimo isso, porque eu sempre fui com muito medo na vida, e lá no handebol ou eu vou com tudo ou nem vou.

**Entrevistador(a):** Ou você vai com tudo ou você nem entra, ou um dia você está boa para entrar ou você fala vou ficar em casa. Melhor ficar em casa, não quero me aborrecer hoje...

**Entrevistado(a):** É um exercício bom nesse sentido! (risos)

**Entrevistador(a):** Legal, mas eu não ia fazer uma pergunta desse tipo, mas foi legal você apontar isso. Em sua opinião, você acha que o grupo precisa melhorar em algum aspecto?

**Entrevistado(a):** (pausa para pensar)... Acho que não. Esta bem organizadinho, está dando muita gente, a gente tem colete, talvez ter a própria bola, porque a bola que a gente tem é aquela que é praticamente um coco verde da Eloá. E a gente joga com a bola da Jacque, e aí quando a Jacque não pode levar a bola, a gente joga com o coco. Então acho que melhorar isso, ter a nossa própria bola.

**Entrevistador(a):** Na verdade já passou do tempo da gente comprar uma bola.

**Entrevistado(a):** E a bola da Eloá, a gente estragou também.

**Entrevistador(a):** Putz! Estamos ferradas então. (risos) Me fala como você definiria o nosso grupo? (cara de desespero). Não precisa ser em uma palavra não lo, você pode defini-lo do jeito que quiser.

**Entrevistado(a):** (Pausa pra pensar)... Mas e se não tiver nada pra falar.

**Entrevistador(a):** Você não consegue definir nosso grupo? Eu acho que você consegue definir nosso grupo sim... (risos)

**Entrevistado(a):** Ah! Eu não penso nessas coisas. Ah! Esse grupo é...+ eu nunca pensei nisso na vida.

**Entrevistador(a):** Então isso será um exercício, é bom que você pense se alguma outra pessoa te perguntar. (risos)

**Entrevistado(a):** É um grupo de mulheres, no geral, que tem participação masculina também, mas mínima, e somente para o gol, que estão ali para ter seu momento de lazer e também de atividade física. Apesar de levarem a sério a atividade em si, porque o esporte gera competitividade, onde todo mundo quer ganhar, então, todo mundo faz o seu melhor, e quando erra leva xingo mesmo (risos). É um grupo que está ali pra no final das contas se divertir, e não tem sérios problemas de relacionamento, e é isso.